



Acta Scientiarum. Language and Culture

ISSN: 1983-4675

eduem@uem.br

Universidade Estadual de Maringá

Brasil

Libanori, Evely Vânia

A interação existencial entre seres humanos e animais no romance *Pedro Páramo*, de Juan Rulfo

Acta Scientiarum. Language and Culture, vol. 35, núm. 1, enero-junio, 2013, pp. 49-53

Universidade Estadual de Maringá

.jpg, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307426115006>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



A interação existencial entre seres humanos e animais no romance *Pedro Páramo*, de Juan Rulfo

Evely Vânia Libanori

Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5.790, 87020-900, Maringá, Paraná, Brasil. E-mail: lieveorama@gmail.com

RESUMO. Em *Pedro Páramo*, de Juan Rulfo, o corvo, o cavalo e o gato são animais que mantêm estreita ligação existencial com o ser humano. A interação ser humano-animal é fundamental para o entendimento de temas filosóficos presentes no romance, como a identidade humana, o outro, a morte. O corvo é o batedor da chegada de Juan Preciado no mundo da morte. O cavalo de Miguel Páramo é o único ser que sofre, verdadeiramente, a morte do seu tutor. O gato é o animal que faz visitas noturnas a Susana San Juan, com quem estabelece um diálogo somente inteligível para os dois. A integração entre personagens humanas e animais em *Pedro Páramo* mostra a comunicação entre seres pertencentes a diferentes espécies animais. No romance, seres humanos, corvos, cavalos e gatos têm mais semelhanças entre si do que a cultura ocidental antropocêntrica conhece.

Palavras-chave: identidade humana, o outro, a morte

The existential interaction between human beings and animals in the novel *Pedro Páramo* by Juan Rulfo

ABSTRACT. In *Pedro Páramo* by Juan Rulfo, the raven, the horse and the cat are animals that maintain a close existential link to the human beings. In the book, this human being/animal interaction is fundamental to the understanding of philosophical themes such as the identity, the other, and the death. In the story, the raven is the escort of Juan Preciado arrival into the death world. Miguel Páramos's horse is the only being that genuinely suffers because of the death of its guardian, that is, Miguel's death. The cat is the animal that make night visits to Susana San Juan to whom it speaks in a way that is understood by the two of them only. The connection between human and animal characters in *Pedro Páramo* shows the communication among beings that belong to different animal species. In the novel, human beings, ravens, horses, and cats are much more alike than the western anthropocentric culture has it.

Keywords: human identity, the other, the death

Introdução

O romance *Pedro Páramo*, do escritor mexicano Juan Rulfo (1917-1986), põe em evidência a complexa ligação existencial entre seres humanos e animais num espaço regional e agrícola dominado pela seca e pela morte, e que adentra um espaço paralelo em que as leis físicas não fazem sentido. As personagens humanas de *Pedro Páramo* estão mortas, não têm constituição física e são definidas como 'sombras'. Essas sombras se parecem com a 'alma' conforme é concebida na religião cristã, ou seja, a força consciente e imortal que subsiste à morte do corpo e que mantém a individualidade da pessoa. No romance, o contato entre as sombras se dá não apenas entre seres humanos, mas entre humanos e animais, o que coloca ambos numa mesma dimensão ontológica. A aproximação existencial entre seres humanos e animais é tão somente uma ilustração da originalidade criadora do escritor latino-americano.

Em âmbito estrutural, o romance é composto por 63 micronarrações que não se articulam cronologicamente, mas que se inter-relacionam no campo semântico e, portanto, comportam um amplo feixe de possibilidades de significação. Cada micronarração tem seu próprio tempo-espaço e pode haver mais de um tempo-espaço numa só micronarração. Por isso, o estudo da ligação entre seres humanos e animais necessita da explicação prévia sobre a estrutura do romance. A narrativa problematiza o conceito de tempo e de espaço. A definição clássica de tempo e de espaço da qual nos utilizamos no dia a dia é aquela que foi estabelecida pelo físico e filósofo inglês Isaac Newton (1643-1727). Na equação de Newton, o tempo e o espaço são dimensões absolutas. Isso significa que o tempo é a passagem de um ciclo natural a outro, passagem que permite a marcação de frações temporais de minutos, horas, dias, meses,

anos. O tempo é linear porque avança do presente para o futuro, sem possibilidade de retorno. Ainda segundo Newton, o espaço é o cenário das três dimensões físicas (altura, largura, profundidade) que abriga seres e objetos. O espaço é absoluto porque continuaria a existir mesmo que todas as coisas dentro dele fossem retiradas, pois o que é absoluto não precisa de pontos de referência que o situem. As leis físicas estabelecidas por Newton não fazem sentido em *Pedro Páramo*. O romance instaura outro tempo e outro espaço. O tempo não é linear, é cíclico. Assim, a vida não acaba com a morte, pois os mortos voltam no tempo em que viviam e retomam a antiga vida. Há personagens fantasmas que podem, simplesmente, desaparecer no tempo e no espaço. A definição usual de que o espaço é o cenário das três dimensões físicas não se sustenta mais porque as personagens ‘surtem’ nos espaços, vindas de outros tempos e vindas também da morte. A espacialização das personagens acontece no momento em que elas irrompem em um tempo. No romance de Rulfo, o ser humano deve ser entendido ‘com’ o espaço, pois é a personagem quem se espacializa. O romance pediu um instrumento de análise que concebesse o espaço como o resultado das ações humanas. Dessa forma, a base teórica para o entendimento do conteúdo humano e, conseqüentemente, das questões estruturais no romance de Juan Rulfo é o tratado *Ser e tempo*, do filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1976), publicado pela primeira vez em 1927. A escolha deve-se ao fato de que a filosofia de Heidegger vê o próprio ser humano como o ‘espacializador’ de tudo que está à sua volta. A perspectiva do filósofo não é material em primeiro lugar e, sim, existencial. Para ele, o espaço é a consequência do comportamento humano. Há, aqui, uma inversão da visão clássica newtoniana. Para Newton, o ser humano é ‘parte’ do espaço, mas para Heidegger ele é ‘determinante’ do espaço. O enfoque newtoniano não pode ser usado para a interpretação do texto de Rulfo, mas o enfoque heideggeriano é perfeitamente coerente com os aspectos temáticos e estruturais do romance, uma vez que coloca a humanidade à frente de tudo que é material.

O animal como o ‘outro’

Em *Ser e tempo*, traduziu-se como ‘pre-sença’ aquilo que Heidegger chamou de *dasein*, ou seja, o ser humano singular e individual em sua existência concreta. A pre-sença implica a reflexão sobre o espaço: “[...] porque a *pre-sença* é nesse sentido espacial, o espaço se apresenta como ‘a priori’” (HEIDEGGER, 2001, p. 161). O espaço apresenta-

se *a priori* porque a função espacial é humana. Heidegger esclarece ainda que o ‘ser-com-o-outro’ é a condição básica da constituição da pre-sença e o ser humano não tem como se negar à relação com o outro. O filósofo se refere à situação de ser-com-o-outro como consequência de o ser humano ser-no-mundo, conforme se constata neste pensamento:

O esclarecimento do ser-no-mundo mostrou que, de início, um mero sujeito não ‘é’ e nunca é dado sem mundo. Da mesma maneira, também, de início não é dado um eu isolado sem os outros (HEIDEGGER, 2001, p. 167).

Uma vez que não existe um eu solitário, o ser-com-o-outro promove o acesso da pessoa à própria identidade, pois não é possível saber de si sem o outro como referência. E, no processo de espacializar o que está em volta, o ser humano depara-se com o outro humano e também com o outro animal.

Hoje, a mentalidade antropocêntrica entende a razão como o divisor entre seres humanos e animais e, portanto, identifica o ‘outro’ como o não-eu humano, o que exclui ou restringe drasticamente o ‘outro’ animal do terreno da consideração moral. No entanto, a Biologia, a Ética e a Bioética têm feito estudos que pedem uma revisão do paradigma ético que embasa a relação entre os seres humanos e os animais. A discussão sobre a relação humanidade-animalidade ganhou muita força com as descobertas recentes sobre as semelhanças comportamentais entre seres humanos e animais e com a comprovação de que seres humanos e chimpanzés têm DNA bastante parecido. A Etologia mostrou que os chimpanzés estabelecem relações sociais complexas, comunicam-se com vocalizações e linguagem gestual, sabem usar ferramentas, aprendem a usar o computador, transmitem conhecimentos de geração para geração. Em 2003, Morris Goodman (1931-), um dos maiores pesquisadores do mundo em Genética publicou o artigo *Implications of natural selection in shaping 99.4% nonsynonymous DNA identity between humans and chimpanzees: Enlarging genus Homo* com a descoberta de que seres humanos e chimpanzés se parecem em 99,4% da sua cadeia genética. A consequência da descoberta de Goodman é o pedido de um grupo de cientistas para que o chimpanzé seja relocado do gênero *Pan* para o gênero *Homo*. Essa mudança de gênero faria com que o chimpanzé fosse reconhecido com um ser emotivo e racional e tão humano quanto homens e mulheres, mas apenas situado num momento diferente da evolução. Em *Libertação animal*, Peter Singer (1946-), filósofo australiano, eminente pesquisador de Bioética, concentra sua investigação nas consequências da ‘capacidade de sofrer’ do

animal, que é idêntica à do ser humano. Singer argumenta que a posse ou não da razão é indiferente e irrelevante quando se trata de sofrimento físico. Embora não possuam a razão, os animais são seres sencientes como os seres humanos porque ambos experimentam o mundo com os mesmos cinco sentidos físicos. Portanto, assim como os seres humanos, os animais também apreciam a própria vida e fogem da dor e da morte. Nessa perspectiva, declara: “[...] se um ser sofre, não pode haver justificativa moral para nos recusarmos a levar em conta esse sofrimento” (SINGER, 2004, p. 9). Segundo Singer, a ‘capacidade de sofrer’ e não a ‘razão’ é que deve ser considerada no trato com os animais. Singer argumenta que é impossível traçar, com base na ‘posse da razão’, uma linha de modo que todos os seres humanos fossem incluídos e que todos os animais fossem excluídos. Sônia T. Felipe, filósofa, a mais importante pesquisadora brasileira na área de Ética e de Ética Animal, vê a morte e a exploração de animais não como expressão da superioridade humana sobre os animais, mas sim como um rebaixamento moral do ser humano, que se aproveita da vulnerabilidade de seres indefesos com a finalidade de usá-los como se fossem recursos descartáveis. Ela mostra a contradição moral em defender a vida e a liberdade de seres humanos e permitir que seres não humanos sejam mortos e aprisionados. Assim como os seres humanos, os animais também são seres sencientes e, mais que isso,

[...] a autoconsciência ou intencionalidade, essa capacidade de empreender ações com vistas a alcançar o que deseja, a satisfazer necessidades, e a confirmar crenças, não é exclusiva dos seres humanos (FELIPE, 2007, p. 51).

Isso significa que a observação dos modos de vida dos animais mostra que eles têm atividades mentais complexas, o que faz seres humanos e animais mais semelhantes do que se pensava. Para a filósofa, os seres humanos têm, em relação aos animais, os mesmos deveres morais que têm com as outras pessoas. Ela defende a proposta de

[...] incluir animais não humanos na categoria dos seres em relação aos quais os humanos têm deveres morais iguais àqueles já estabelecidos pelo princípio da igualdade em relação aos humanos: o dever de não matar, de não injuriar, de não atormentar (deveres negativos), e o dever de ajudar, proteger e preservar (deveres positivos) (FELIPE, 2003, p. 15).

A animalização dos nossos hábitos alimentares é, para ela, a mais visível expressão de uma ética falsa, pois estabelece um critério moral para a dor e o sofrimento dos seres humanos e estabelece outro critério para a dor e o sofrimento dos animais.

As descobertas da Etologia e da Biologia, os estudos da Ética e da Bioética implicam outro modo

de as pessoas considerarem os animais porque mostram que o animal é também o ‘outro’ do ser humano. O que Rulfo expõe na narrativa é a relação existencial entre os seres humanos e os animais. Em *Pedro Páramo*, homens, mulheres e animais estão integrados num destino comum e são companheiros no mundo da morte. Eles se comunicam de uma forma não compreensível à lógica da razão e, algumas vezes, os dois seres parecem ser um só. As ações do romance passam-se no tempo-espço de Comala, um povoado dos páramos mexicanos, deserto quase infértil, de vida animal e vegetal escassa. O povoado assemelha-se ao inferno cristão, o lugar onde as almas culpadas passam a eternidade. Nesse tempo-espço, a presença de três animais é fortemente expressiva. Esses animais são um ser-com-o-outro humano, ou seja, nesse tempo-espço, o animal, como o ser humano, é também o ‘outro’. Trata-se do corvo, do cavalo e do gato. O corvo é o animal estreitamente ligado a Juan Preciado e a Abundio. Juan vai a Comala para procurar seu pai e, quando se aproxima do povoado, Abundio, seu irmão, o conduz durante um percurso. Sobre a cabeça de ambos passa uma revoada de corvos. Esses corvos, na obra, pertencem a uma grande família de aves passeriformes necrófagas, presentes nos cinco continentes em dezenas de espécies. A Ornitologia descobriu que os corvos são altamente inteligentes, sabem se comunicar e têm estratégias de voos (costumam ser ‘guias’ dos praticantes de asa delta porque sabem classificar correntes de ar). Os corvos que esperam a morte dos dois irmãos lembram a conhecida foto ganhadora do prêmio Pulitzer, o mais importante prêmio jornalístico do mundo, em 1994. Na foto de Kevin Carter, o corvo espera pela morte da menina sudanesa, que agoniza. No Sudão, o paradeiro da menina é incerto. No romance de Rulfo, o destino de Juan Preciado e de Abundio é incerto também. Eis como Juan Preciado narra sua chegada em Comala:

Y lo seguí. Fui tras él tratando de emparejarme a su paso, hasta que pareció darse cuenta de que lo seguía y disminuyó la prisa de su carrera. Después los dos íbamos tan pegados que casi nos tocábamos los hombros.

— Yo también soy hijo de Pedro Páramo — me dijo. Una bandada de cuervos pasó cruzando el cielo vacío, haciendo cuar, cuar, cuar (RULFO, 1999, p. 9).

Juan Preciado e Abundio, embora irmãos, são estranhos um para o outro, pois foram criados distantes. Diante da revelação da irmandade de Abundio, Juan Preciado silencia. E os corvos grasmam, ou seja, ergue-se a voz do animal símbolo da morte e se cala a voz daquele que procura laços de

vida. O grasnar dos corvos no céu vazio mostra a vigilância da morte que aguarda por Juan Preciado. Os irmãos mantêm-se em silêncio, enquanto os corvos estão em diálogo: “una bandada de cuervos pasó cruzando el cielo vacío, haciendo cuar, cuar, cuar”. E, uma vez que os estudos científicos comprovaram que os corvos se comunicam e se auxiliam, pode-se pensar se eles não estariam discutindo a repartição do alimento.

O cavalo é, no mundo de *Pedro Páramo*, o único ser que experimenta dor verdadeira pela morte do jovem Miguel Páramo, filho de Pedro Páramo e de mãe desconhecida, morta no parto. O cavalo e Miguel, seu tutor, são inseparáveis, uma vez que Miguel é um jovem inquieto, em constantes viagens para outros povoados. E o que vem a causar a morte dele é o fato de o animal ter caído num salto. O cavalo foi sacrificado depois do acidente porque estava sofrendo demais. No entanto, todas as noites ele atravessa a morte para procurar o tutor e, de manhã, volta chorando por não encontrá-lo. Apenas parcialmente o cavalo de Miguel Páramo é da mesma família dos equinos, animais herbívoros, musculosos e robustos que atingem grande velocidade e que foram a montaria do ser humano desde o ano 2000 a.C. na conquista de novas terras. No romance, o cavalo vivo cruzava os limites geográficos e, morto, cruza os limites entre os mundos imanente e transcendente. Eduviges Dyada, a comadre suicida de Dolores, compreende o comportamento e a linguagem do cavalo:

—¿Qué es lo que pasa, doña Eduviges?
Ella sacudió la cabeza como si despertara de un sueño.
— Es el caballo de Miguel Páramo, que galopa por el camino de la Media Luna.
—¿Entonces vive alguien en la Media Luna?
— No, allí no vive nadie.
—¿Entonces?
—Solamente es el caballo que va y viene. Ellos eran inseparables. Corre por todas partes buscándolo y siempre regresa a estas horas. Quizá el pobre no puede con su remordimiento. ¿Cómo hasta los animales se dan cuenta de cuando cometen un crimen, no? (RULFO, 1999, p. 21).

O cavalo, cujo galope Eduviges ouve constantemente, é uma personagem fantasma que, como ela, vive em tormento. Eduviges expia a culpa por ter cometido suicídio, enquanto o cavalo consome-se em dor por ter causado a morte de Miguel. Sendo assim, ambos se espacializam no mesmo tempo-espço, pois partilham o mesmo desassossego emocional de terem causado um crime. Aqui, é necessário ressaltar que o cavalo saltou em obediência à ordem do tutor. Tanto na vida quanto na morte, há uma integração existencial muito estreita entre Miguel Páramo e o cavalo. Ambos constituem a

metáfora do ser-com-o-outro heideggeriano, pois representam a síntese entre a humanidade e a animalidade. Na mitologia grega, essa síntese foi expressa por meio da figura do Centauro, o ser metade homem e metade cavalo, com uma flecha apontando para o céu, em direção a outros espaços. Separado de sua metade homem, o Centauro é apenas um cavalo, pois falta aquele que o completa, tal como o cavalo que procura Miguel Páramo.

No universo de Rulfo, há ainda o gato, animal que não se sabe de onde vem e nem a que vem e que, por isso, corresponde à aura do mistério que a cultura ocidental atribui ao animal. Trata-se do animal doméstico pertencente à grande família dos carnívoros felídeos e que possui garras retráteis, dentes pontudos e afiados, hábitos noturnos, movimentos silenciosos, saúde extremamente resistente, audição e visão muito apuradas. Conta uma lenda japonesa que a agilidade, a elasticidade e o silêncio do gato foram a inspiração para a criação das técnicas de deslocamento dos guerreiros ninjas. O andar cuidadoso, a capacidade de saltar sem tomar impulso, a audição que capta sons inaudíveis ao ouvido humano, as vibrissas que também são radares para detectar o movimento da presa a longa distância implicaram a não compreensão das pessoas quanto ao comportamento do gato. As mais antigas crenças ocidentais associam o gato ao mundo dos mortos. Gatos pretos são, recorrentemente, parte de cenários dos filmes de terror. Na Idade Média, os gatos foram vistos como animais ligados ao demônio e a população passou a matá-los. Em meados do século XIV, os gatos foram dizimados da Europa, o que resultou uma infestação de ratos e a morte de dois terços da população pela doença que ficou conhecida como ‘peste negra’. No antigo Egito, o gato foi tido como um animal que se comunica com o mundo espiritual e que, com sua presença, protege o lugar e as pessoas contra forças espirituais maléficas. O mistério do gato fascinou os egípcios tanto que o divinizaram na figura de Bastet, que era ao mesmo tempo mulher e gato. Na história da evolução da humanidade, o gato é o último animal a constituir o grupo de ‘animais domésticos’; enquanto o cão foi domesticado há 12 mil anos, o gato foi domesticado há 4 mil anos. Portanto, a relação ser humano-gato é ainda recente, o que faz dele o menos compreendido dos animais domésticos e, por isso, o mais enigmático. Ele é o mais essencial e primitivo dos animais da casa, aquele mais ligado ao mundo natural e instintivo. O mistério

do gato se mantém em *Pedro Páramo*. Susana San Juan, uma das mais complexas personagens da obra recebe, à noite e na cama, a visita de um gato:

— ¿Qué quieres, Susana?

— El gato. Otra vez ha venido.

— Pobrecita de ti, Susana.

Se recostó sobre su pecho, abrazándola, hasta que ella logró levantar aquella cabeza y le preguntó:

— ¿Por qué lloras? Le diré a Pedro Páramo que eres buena conmigo. No le contaré nada de los sustos que me da tu gato. No te pongas así, Justina.

— Tu padre ha muerto, Susana. Antenoche murió, y hoy han venido a decir que nada se puede hacer; que ya lo enterraron; que no lo han podido traer aquí porque el camino era muy largo. Te has quedado sola, Susana.

— Entonces era él – y sonrió –. Viniste a despedirte de mí – dijo, y sonrió (RULFO, 1999, p. 74)

Susana, ‘la mujer que no era de ese mundo’, é contactada por um gato que também vem de outro mundo. Quando ela entende que não foi o gato de Justina quem esteve com ela por duas noites, imediatamente percebe tratar-se do pai, e não de um gato comum. Entre a explicação de Justina e a constatação de que o gato era o pai não há ligação de causa e efeito, ou seja, logicamente não é possível entender a conclusão de Susana. Há, na passagem transcrita, uma série de possibilidades interpretativas. O gato que esteve com Susana passou as noites “[...] haciendo circo, brincando de mis [Susana] pies a mi cabeza, y maullando quedito como si tuviera hambre” (RULFO, 1999, p. 73). A interação física entre o gato e a mulher levanta a possibilidade de contato sexual. Susana e o pai viveram uma ambiguidade afetiva; há uma passagem do texto que descreve um encontro sexual e que parece se tratar da filha e do pai. Sendo assim, depois de morto, o pai volta como um gato para tocar o corpo da filha na cama. Se o pai regressara como um gato para se despedir da filha, como entende a própria Susana, ou para tocá-la sensualmente, não há como saber. No romance de Rulfo, o mistério que envolve o gato não é resolvido. Antes, é reforçado.

Considerações finais

A integração entre personagens humanas e animais em *Pedro Páramo* é uma ultrapassagem da atual visão especista que entende a vida dos animais ‘para’ o ser humano e não ‘com’ o ser humano. Personagens humanas, corvos, cavalos e gatos vivem uma sintonia existencial que a cultura antropocêntrica desconhece. Nesse romance, as personagens são dotadas da capacidade de espacialização, uma vez que elas estão dentro do tempo eterno da morte e podem voltar para o passado. Quando se espacializam, ou seja, quando irrompem em determinado tempo-espço, as

personagens se aproximam diretamente daquilo que lhes interessa. É o que interessa para todos os habitantes de Comala é encontrar a paz para o tormento sem fim que é a existência, o que nunca conseguem. Os animais são o ‘outro’ das personagens humanas; também eles estão envolvidos no processo de viver e estão sujeitos ao mesmo destino dos habitantes de Comala. E a aproximação entre seres humanos e animais não acontece apenas na capacidade de consciência. O corvo, o cavalo e o gato pertencem ao mundo do mistério, no qual a lógica não faz sentido. Seres humanos e animais são, na vida e no destino pós-vida, a expressão do ser-com. As personagens são o ser-com-o-outro humano e são, simultaneamente, o ser-com-o-outro animal. Nesse caso, a Literatura, a Ética e a Bioética concordam que o ‘outro’ é também o senciante autoconsciente. A Ética propõe, então, a revisão dos princípios éticos aplicados aos animais e a inserção deles na nossa esfera de consideração moral. Na família genética, o ser humano é, em 99,4% do material genético, também um chimpanzé. Nesse sentido, a Bioética argumenta que é uma contradição levar em conta mais os 00,6% de diferença do que os 99,4% de semelhança entre seres humanos e animais. No romance de Rulfo, pessoas e animais igualam-se na forma como experimentam a vida e os caminhos de Comala. E a maneira como as personagens se envolvem com os animais mostra os valores éticos e, conseqüentemente, a identidade existencial de cada um.

Referências

- FELIPE, S. T. **Por uma questão de princípios**. Florianópolis: Boiteux, 2003.
- FELIPE, S. T. **Ética e experimentação animal: fundamentos abolicionistas**. Florianópolis: UFSC, 2007.
- GOODMAN, M. Implications of natural selection in shaping 99.4% nonsynonymous DNA identity between humans and chimpanzees: Enlarging genus *Homo*. In: **Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America**, v. 12, n. 100, p. 7181-7188, 2003. Disponível em: <<http://www.pnas.org/cgi/doi/10.1073/pnas.1232172100>>. Acesso em: 22 fev. 2012.
- HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. 10. ed. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2001. v. 1
- RULFO, J. **Pedro Páramo y El llano en llamas**. 6. ed. Buenos Aires: Planeta, 1999.
- SINGER, P. **Libertação animal**. 3. ed. Tradução de Marly Winckler. Porto Alegre: Lugano, 2004.

Received on January, 4, 2012.

Accepted on April, 13, 2012.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited